A Academia de Budo e a génese do Karate

Manuel Ceia

No decorrer do ano de 1964, após uma pequena estadia em França de três meses, onde tive o meu primeiro contacto visual com o Karate, procurei incansavelmente em Lisboa um clube onde pudesse iniciar a prática dessa modalidade sem resultados, até que um amigo meu, José Luís Dinis, mais tarde também aluno de Mestre Murakami na cidade Universitária de Antony, me informou ter-se inscrito num clube onde, entre outras modalidades, se praticava Karate. Ao entrar na Academia de Budo, sita na Rua Visconde Seabra, nº. 18, fiquei agradavelmente surpreendido com o ambiente calmo, talvez até um pouco austero e pela extraordinária figura do Dr. Pires Martins, enfim o ambiente correspondia exactamente à ideia que eu construíra na minha mente dum clube de artes marciais.

Dr. Pires Martins

Ser praticante da Academia de Budo implicava a prática de todas as disciplinas aí ministradas, judo, Karate e defesa pessoal, não por imposição mas por aconselhamento por parte do Dr. Pires Martins, provavelmente esta era uma situação influenciada por Hiroo Mochizuki, filho de Minoru Mochizuki fundador do Yoseikan Budo que impunha essa prática na sua organização. Com efeito e embora seja bastante desconhecido, Hiroo Mochizuki esteve entre nós em 1959 e até realizou um estágio/demonstração de Karate em Beja nessa data.

A Academia de Budo é na realidade o berço do Karate em Portugal e embora no nosso tempo haja uma tendência generalizada para o esquecimento e desinteresse pelas raízes, há que relembrar essa banalidade de base, onde o início da edificação de uma estrutura são os alicerces e não o

primeiro andar e paralelamente enfatizar os esforços e empenhamento desses pioneiros, sobretudo se tivermos em consideração a extraordinária escassez de meios didácticos para uma tarefa de tal envergadura. Tempos em que todos possuíam como referência e à disposição, proporcionados pelo Dr. Pires Martins para trabalho de desenvolvimento da arte, o mesmo: livro e filmes. Ninguém podia pretender deter um qualquer conhecimento mais desenvolvido sobre a arte e criar assim as tão nefastas "rivalidades", por vezes até apresentadas como positivas; isto contribuiu bastante para que, por uma vez, todos trabalhassem para o mesmo objectivo com uma vontade e um plano comuns.

Manuel Ceia (à direita) e Alexandre Gueifão em 1965 na Academia de Budo

Seguramente que nessa época os praticantes da Academia de Budo não tinham a noção nem da importância do seu trabalho, nem do ponto de referência que estavam deixando para o desenvolvimento futuro do Karate.

Ainda hoje, quando esporadicamente passo pela Rua Visconde Seabra e apesar da Academia de Budo já ter sido demolida há bastante tempo, sinto que algo emana daquele lugar e que ao entrar em contacto comigo me faz sentir bem, muito bem. Espero que outros sintam o mesmo e que tenham também outros lugares idênticos noutras zonas, onde sintam a mesma carga electromagnética positiva, pois significa que aí desenvolveram alguma actividade profícua cuja qualidade parece continuar pairando.

Em 1971, todo o trabalho do Dr. Pires Martins feito em prol do Karate no nosso país foi reconhecido pela FAJKO (*Federation of All Japan Karate-do Organizations*) que lhe atribuiu o 4º Dan honorífico nesta disciplina.

O ensino do Karate era feito durante as aulas de judo e nem sempre; recordo-me do Dr. Pires Martins, a dada altura da aula, fazer uma pausa e com um certo sentido democrático, perguntar aos alunos quem desejava a

Praia da Torre, Maio de 1966

partir daí praticar Karate, isto quer dizer que no prosseguimento da aula, a disciplina praticada era decidida por votação. O Dr. Pires Martins, que foi efectivamente o nosso primeiro professor de Karate, tinha tido contacto com o Karate e mais exactamente com Mestre Yoshinao Nanbu, na AFAM durante uma viagem efectuada pela Europa na companhia de António Hilmar Schalck Corrêa Pereira, dono e director da Academia de Budo. O Karate então praticado era muito incipiente, mas tudo era compensado pela grande entrega por parte do Dr. Pires Martins e pela extraordinária dedicação dos praticantes. O desejo de conhecimento e os esforços para o alcançar eram indescritíveis, para alguns a média de treino quotidiano era de três a quatro horas. É de realçar que estes "pioneiros", para além do Karate, praticavam também judo e defesa pessoal. No âmbito do Karate e estou a falar dos anos 1964/66, devo mencionar como companheiros de sempre Mário Rebola e Alexandre Gueifão, Raul Cerveira só começou verdadeiramente mais tarde pois o seu interesse nessa época era o judo, chegando a ganhar o Campeonato na sua classe e obtendo o segundo lugar na classe aberta no Judo Clube de Portugal em 1965.

Em meados de 1965 numa reunião após um jantar em casa do Dr. Pires Martins foi estabelecida uma nova estrutura para o funcionamento da Academia e o Karate tornou-se uma disciplina verdadeiramente independente

para a qual fui indigitado como responsável. Toda a orientação das aulas tinha como base os filmes e o livro atrás mencionados, e penso que o resultado não foi mau pois uns tempos mais tarde, quando já me encontrava em França, apareceu na Academia um cinto negro Sul-Africano da *Japan Karate Association* de nome Ronald Ian Clark, que ficou algo espantado com o nível dos praticantes, tendo em consideração a falta de um professor qualificado. As aulas eram esquematizadas segundo o livro referido e muitas vezes com combate livre, mas não numa óptica desportiva, coisa que parecia agradar sobremaneira aos praticantes.

Decidi organizar o primeiro kangeiko de Karate em Portugal o qual teve lugar na Academia de Budo de 1 a 15 de Março de 1966, com um treino especial no último dia, de manhã muito cedo, na Praia da Torre (na foto da página anterior, a partir da esquerda: Manuel Ceia, Alexandre Gueifão, Mário Rebola e José Paulo Simões) no qual tentando reproduzir a dureza dos kangeikos no Japão treinámos combate livre dentro de água, gelada nessa altura do ano.

Em Maio de 1966 quando comuniquei ao Dr. Pires Martins a intenção de me ausentar para França definitivamente e após as suas tentativas de dissuasão sem efeito, pôs-se a questão da substituição do responsável para o Karate; a minha indicação incidiu sobre Mário Rebola, indicação com a qual o Dr. Pires Martins aquiesceu. Mário Rebola tornou-se assim responsável pelo Karate e durante os anos que passei em França sempre trocámos correspondência assim como tivemos alguns encontros, visto que Mário Rebola se deslocava com alguma frequência a Paris.

A partir desta data e não tendo conhecimento directo da evolução do Karate em Portugal, passo a referir alguns acontecimentos ocorridos em França que contribuíram para a vinda, pela primeira vez, de um mestre japonês a Portugal para dirigir um estágio, o qual obviamente teve lugar na Academia de Budo.

Esse estágio, em Agosto de 1969, marca também a primeira cisão com base nos estilos de Karate. Com efeito, uma "segunda leva de pioneiros", se assim se pode nomear, após o estágio com Mestre Murakami (*shotokai*) decide abandonar e continuar a praticar o estilo até então praticado na Academia de Budo (*shotokan*); entre eles estão nomes que muito contribuíram para o desenvolvimento do Karate em Portugal como Vilaça Pinto, José Manuel Custódio, António Pereira, A. Cunha, José Pacheco, entre outros.

No mês de Julho de 1966 inscrevi-me no habitual estágio de Verão da AFAM, organizado por Henry Plée e decidi apresentar-me com um cinto

castanho para evitar problemas e perguntas dada a minha condição de único estrangeiro nesse estágio. Fiquei agradavelmente surpreendido ao ver entrar um jovem japonês que vim a saber tratar-se de Mestre Yoshinao Nanbu, na altura 4º. Dan e campeão universitário do Japão. Escusado será dizer que durante todo o estágio Henry Plée falava e Mestre Yoshinao Nanbu executava, e bem, pois entre outras coisas lembro-me de ver Jean Pierre Lavorato, um dos cintos negros mais rápidos na altura, atacar com *oi-tsuki* a toda a velocidade e Nanbu saltar da posição *hachiji-dachi* para o lado e executar *yoko-tobi-geri* à cara. Entretanto Henry Plée continuava a falar e para explicar a intenção que se devia pôr num *tsuki* tinha esta frase digna de um "Mestre": "il faut descendre le gars", *descendre* é "descer" mas também significa em calão, "acabar com", assim a frase fica "é preciso acabar com o gajo". No antepenúltimo dia de estágio ouvi Henry Plée dizer algo que me deixou espantado: "amanhã tragam sapatos de ténis pois é dia de combate livre", e efectivamente no dia seguinte lá estava a quase totalidade dos praticantes com sapatos de ténis para se protegerem de eventuais ferimentos.

No ano seguinte, em 1967, foi a vez de Mário Rebola e José Paulo Simões se inscreverem no estágio da AFAM. Fui esperar o Simões à Gare d´Auterlitz e no primeiro dia de estágio fui observar o treino, que começou atrasado pois Mestre Kase tardava em aparecer; Henry Plée, que nunca o tinha visto, estava inquieto ao ponto de perguntar quem era ele; alguém lhe respondeu ser o japonês que tinha feito as fotos para o livro de Karate da colecção Marabout (colecção de pequenos livros de bolso de divulgação) e Henry Plée de retorquir "ah, c´est celui-là, il n´est pas très emballé" (ah, é esse, não está muito embalado); na realidade as fotos tinham sido tiradas um pouco "à pressa" mas o facto é que todos os praticantes gostaram do estágio estando presentes alguns elementos da equipa francesa de Karate da altura, Dominique Valera, Guy Sauvin, Setrouk e Patrick Baroux que ficaram espantados ao verem um *ura-mawashi*, desconhecido na altura em França, e explicado amplamente por Mestre Kase.

Nessa época treinei em alguns clubes, sempre por curtos espaços de tempo e sem nunca me sentir satisfeito, a técnica e a organização das aulas eram verdadeiramente lamentáveis, o que não era de estranhar visto nessa época ser normal entrar num clube em Paris e encontrar um cinto castanho ou mesmo azul a dar aulas. Um dia quando me deslocava no Boulevard de Vaugirard em Montparnasse, deparei-me com um poster publicitário de um clube de Karate cujo professor era Mestre Tetsuji Murakami, o que me deixou espantado se tivermos em consideração o que foi atrás mencionado em relação aos

clubes em Paris. Uns dias depois desloquei-me à *Maison des Jeunes et de la Culture* na Rue Mercoeur, nº. 4 e nesta primeira visita não vi Mestre Murakami porque se encontrava no estrangeiro dirigindo um estágio. Assim assisti à aula orientada por Michel Hsu e fiquei convencido com o que vi, mas após ver Mestre Murakami fiquei absolutamente conquistado. Inscrevi-me uns dias depois já com Mestre Murakami presente e assim tornei-me o seu primeiro aluno português. Decidi pôr um cinto branco e recomeçar tudo de novo pois na minha opinião o que ali se praticava era o verdadeiro Karate e o que tinha feito até então não tinha ali qualquer cabimento. No fim da primeira aula Mestre Murakami perguntou-me onde já tinha feito Karate e que graduação possuía. Respondi-lhe explicando o que se passava no panorama do Karate em Portugal e que preferia recomeçar com cinto branco – coisa que Fernando Neto quando chegou a França mais tarde, em 1968, também fez – Mestre Murakami disse simplesmente "c´est bien" (está bem) e afastou-se.

Mestre Murakami, que além do Karate, também praticava kendo, aikido e judo no Yoseikan Budo de Mestre Minoru Mochizuki em Shizuoka, tinha sido contactado por Jim Alcheik, que funcionava como intermediário de Henry Plée, para lhe arranjar um professor japonês para o seu clube em França. Logo após a sua chegada a França no dia 3 de Novembro de 1957 a Marselha viajando de barco, fez uma demonstração de Karate na cidade de Avignon onde, entre outras coisas, executou a *heian-yodan* e partiu uma prancha de madeira suspensa mas só o conseguindo à segunda tentativa o que, segundo ele próprio me contou, "tinha sido melhor pois os espectadores tinham ficado com a certeza de que era real".

O facto do ano da sua chegada ao Ocidente para ensinar Karate coincidir com o do falecimento de Mestre Funakoshi levou Mestre Murakami a escrever no Boletim Shotokai do Japão na rubrica "Para a Festa da Reconstrução do Shotokan – Mensagens de Além-Mar":

> *«Desde que comecei a ensinar Karate na Europa, mais de vinte anos passaram. Foi com efeito, em 1957, na altura em que o grande mestre desaparecia, que eu efectuava os primeiros passos. Sinto um certo orgulho nesta coincidência, mas também o sentimento de uma missão, de um dever a cumprir».*

Mestre Murakami foi também o introdutor do kendo em França senão na Europa e um dos seus primeiros alunos nessa disciplina foi Jacques Fonfrède o

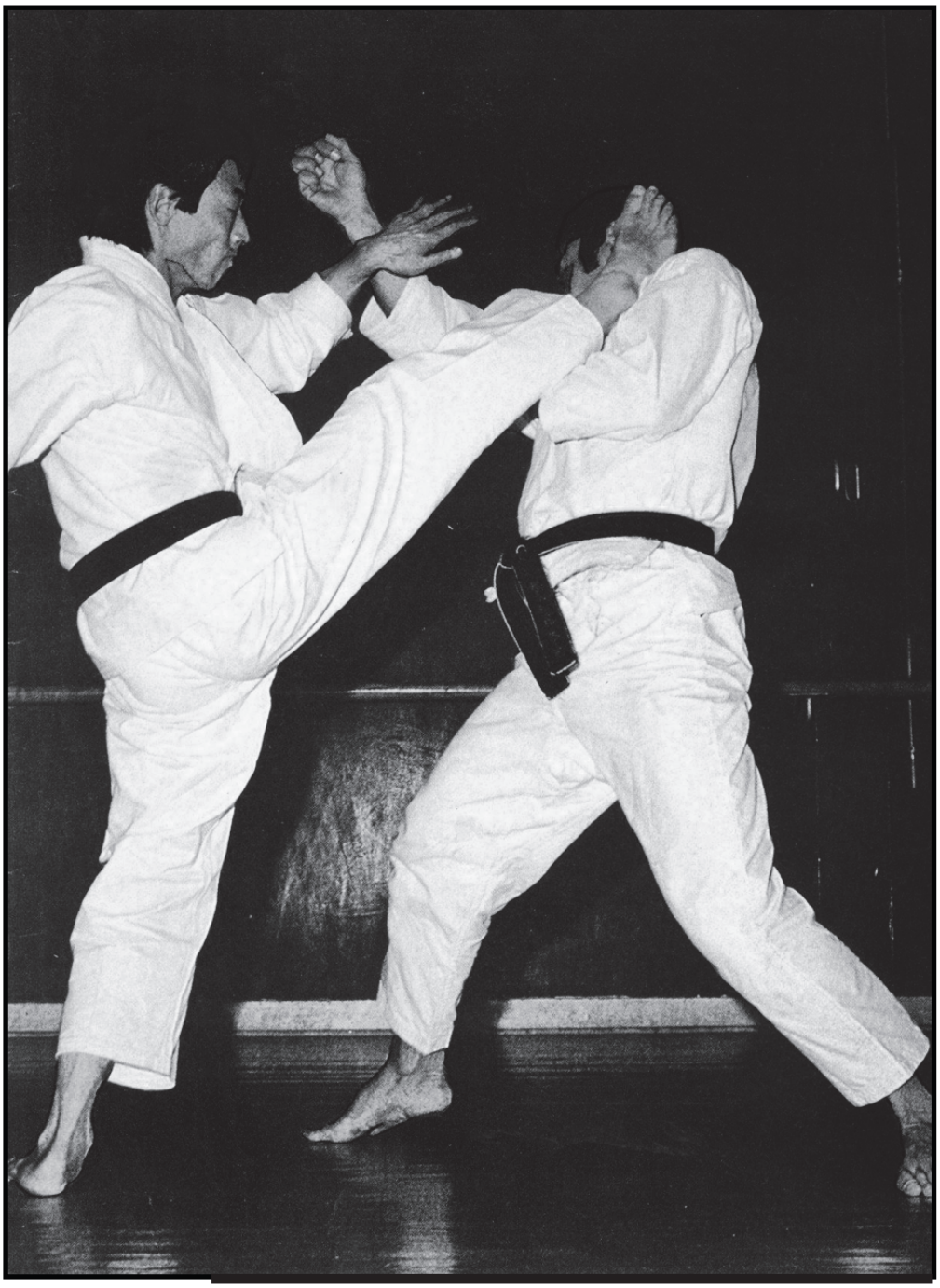
qual me contou serem as suas aulas terrivelmente duras e esgotantes. Quando os alunos chegavam ao dojo para se equiparem já Mestre Murakami se encontrava equipado, com armadura, em *seiza* num canto do dojo esperando por eles. Jacques Fonfrède durante um combate não sabendo mais o que fazer em relação às investidas de Mestre Murakami refugiou-se esgotado nos balneários continuando aí também, a ser perseguido por ele.

No fim do seu contrato no clube de Henry Plée, Mestre Murakami soube que o mesmo – redigido em francês, língua que ele desconhecia na altura – o impossibilitava de continuar a dar aulas em França.

As "relações" entre Mestre Murakami e Henry Plée tornaram-se péssimas tentando este último prejudicá-lo de todas as formas possíveis chegando mesmo a responder a alunos que indagavam sobre o paradeiro de Mestre Murakami que ele tinha voltado para o Japão.

Durante um certo tempo Mestre Murakami deu aulas num clube histórico no Boulevard Auguste Blanqui onde se encontravam também os professores de judo Kawashi e Awazu e baptizou o seu dojo de Renseikan (casa da prática correcta). Mais tarde o clube da Rue Mercoeur tornou-se o dojo central, local onde se encontravam alguns dos antigos praticantes tais como Jacques Fonfrède, Tam, Michel Hsu, Quang, Ignatio, Michaux, Touchard, Daniel Bougoin, entre outros.

O *shotokan* praticado por Mestre Murakami era muito diferente do da JKA, trabalhava-se em descontracção, peso na perna da frente, pés praticamente numa linha e posições baixas, sim, já na altura era assim. Durante algum tempo treinei com as mãos abertas para perder a contracção, numa outra altura todos praticaram *tsuki* com as falanges do indicador e do médio saídas, sem fechar completamente a mão só com tensão no polegar e no dedo mindinho, também para impedir a contracção. As aulas eram muito duras e não havia lugar para negligenciar a seriedade no treino que era uma exigência constante de Mestre Murakami. Se um praticante atingisse o seu oponente durante *ippon kumite* e se dirigisse ao seu encontro preocupado com o seu estado, era imediatamente afastado por um dos mais antigos com frases como, "não tens nada que te preocupar, ele sabia qual era o ataque e não defendeu, a culpa é dele"; era impensável um praticante recém graduado, ao ser chamado para executar a *kata* da sua nova graduação, dizer que não a conhecia, pois era imediatamente questionado por Mestre Murakami sobre o que tinha estado a fazer durante os meses em que tinha estado sentado enquanto os seus companheiros executavam a dita *kata*.



Mae geri **em contra ataque de Mestre Murakami sobre Michel Hsu**

Nesses tempos Mestre Murakami fazia combate livre com quem lho pedisse, e fazia-o com a mão direita atrás das costas entalada no cinto. Quer dizer que utilizava unicamente a mão esquerda para defender e contra atacar (e os pés bem entendido). Em relação aos pés do Mestre, dada a sua dureza, Michel Hsu tinha o hábito dizer "os pés do Mestre são ferros de engomar".

A foto acima foi tirada no clube de Mercoeur, e apareceu na revista Karate francesa ilustrando o artigo a "Eficácia Absoluta"; o ataque em *tsuki* de Michel Hsu foi efectuado à máxima velocidade, de resto quando questionado pelos outros praticantes porque atacava sempre o Mestre à máxima velocidade respondia "o mestre é ele" e acho que esta era exactamente a atitude que Mestre Murakami desejava, trabalho real, sério, e sem margens para meios termos na entrega.

A mudança do *shotokan* que praticávamos para o *shotokai* não foi difícil, visto que já trabalhávamos em descontracção e o corpo foi-se habituando e moldando às indicações dadas por Mestre Murakami, sobretudo em termos sensitivos, e ouso dizer que a transição foi feita naturalmente com a sensação de passarmos para um patamar mais qualitativo sem refutar as bases já existentes. Ouvi muitos "observadores" exteriores dissertarem sobre a adaptação de Mestre Murakami ao *shotokai* sem nunca perceber bem o que queriam referir ou insinuar, sobretudo tendo em consideração que nunca tinham treinado com ele e provavelmente também não sabiam muito bem o que era o *shotokai*, O facto é que nos anos 70 a sua reputação que desde sempre fora grande tornou-se ainda maior e como era Delegado Oficial do *Shotokai* para a Europa, o dojo de Mercoeur era visitado por japoneses enviados pelo *shotokai* do Japão e por praticantes cintos negros de outros estilos, sobretudo *shotokan* e *wado-ryu*, que praticavam connosco para "experimentar" o estilo. Muitos outros iam simplesmente assistir, recordo-me de ver várias vezes os amigos de Michel Hsu do boxe francês – Michel Hsu era também um combatente de topo em boxe francês – assistindo bastante interessados aos treinos e submergindo-o com perguntas no fim da aula.

Em 1968 dada a minha correspondência com Mário Rebola, onde eu me alargava em elogios mais que justos a Mestre Murakami, ele decidiu deslocar-se a Paris para o observar. Chegados a Mercoeur sucedeu-lhe a mesma coisa que me tinha sucedido a mim na minha primeira visita i.e. Mestre Murakami estava ausente em Itália dirigindo um estágio, assim treinou com Michel Hsu e obviamente ficou convencido. Uns tempos mais tarde quando no fim dum treino falava com outros praticantes sobre a situação do Karate em Portugal e a falta de um professor japonês qualificado para dirigir estágios, Michel Hsu que me tinha ouvido, disse-me para falar com Mestre Murakami pois isso interessá-lo-ia seguramente. Falei com Mestre Murakami e seguidamente pus-me em contacto com o Dr. Pires Martins por carta explicando-lhe as razões pelas quais na minha opinião Mestre Murakami era o mestre ideal. Depois de também ter ouvido a opinião de Mário Rebola, e de alguma correspondência trocada, pediu-me para servir de intermediário a fim de não surgirem posteriormente problemas com a organização do estágio que

ficou agendado para 18 a 30 de Agosto de 1969. O contrato para o estágio foi oficializado pelo Dr. Pires Martins em carta dirigida a Mestre Murakami, que habitava na altura no Quartier Latin, mais exactamente na Rue du Cardinal Lemoine, num pequeno quarto onde me desloquei para obter uma foto do mestre, tal como o Dr. Pires Martins me tinha pedido na sua carta, para fazer publicidade ao estágio num jornal de Lisboa.

Pode-se pois considerar que o *shotokai* existe no nosso País desde 1969 por intermédio do Grupo Murakami-Kai, legalizado mais tarde sob forma associativa em 31 de Dezembro de 1977.

Manuel Ceia

À volta de Homens com sério Código de Honra

Alexandre Gueifão

Honra-me atestar aqui que devo a todos estes meus Mestres a formação do meu carácter como praticante de Artes Marciais e homem de família.

Espero e faço votos para que a sua acção relevante ainda hoje continue a exercer em mim a sua influência na humildade, discernimento e disponibilidade para o exercício das minhas tarefas em prol do Karate-Do que ainda hoje continuo a precisar.

Retrato saudoso e quase desvanecido de um karateka que se iniciou em Judo no ano de 1958 sob a orientação de **Tony Stricker e H. Bouchend-Homme da Organização Judokai**, e mais tarde sob os ensinamentos do **Grande Mestre K. Kobayashi**, no **Judo Clube de Portugal**.

Quis a riqueza da vida que quando o meu companheiro de bairro **Raul Cerveira** me manifestou o desejo de fazer Judo, por proximidade local acabou por se integrar na saudosa **Academia de Budo**. Algum tempo mais tarde foi o Raul Cerveira que entusiasmadíssimo me manifestou "como quem descobriu a pólvora" que tinha encontrado o verdadeiro **Judo Marcial**. Logo, da minha parte, não ficou a faltar nada, para que eu me inscrevesse na **UBU**, organização a que pertence a Academia de Budo.

Era eu na altura cinto verde de Judo. O grande entusiasmo do Raul não supunha o que eu realmente viria a sentir mais tarde na presença do meu querido e saudoso Mestre João Luís Pires Martins. Homem calmo, seguro, austero, mas muito afável e por vezes muito amoroso. Conhecedor profundo das Artes Marciais.

Foi grande a iniciativa e decisão do **Pioneiro do Judo Marcial em Portugal**, Mestre Corrêa Pereira e dos seus alunos, Mestres Sebastião Durão, Freire de Almeida, Vítor Pecante de Jesus colocarem o seu contemporâneo Mestre Pires Martins à frente da Academia de Budo, sucessora da inicial Academia de Judo e da actual Organização UBU (União Portuguesa de Budo).

Passados tempos, o Mestre Pires Martins resolveu viajar para França na pesquisa do Karate. Fiquei eu e o Raul Cerveira a segurar as pontas administrativas da Academia de Budo. Na altura, treinavam o saudoso **Carlos de Oliveira (mais tarde campeão absoluto de Judo Nacional)** e o seu primo Mestre Catavira Araújo **(o mais temível judoka de Portugal em "katamewaza")**. Muitas sovas levei eu, o Raul e o Mário Rebola (o Rebola, entre nós, era um excelente praticante de Judo no chão) e todos nós éramos alunos também do Mestre Catavira Araújo na Academia de Budo.

Com os meus contemporâneos mais próximos, Fernando Andreia, Maia de Loureiro, Mário Rebola, José Paulo Simões, Fragoso Fernandes, Raul Cerveira, Manuel Ceia, Carlos de Oliveira, António Cacho, enriquecemos de uma forma ou outra as nossas aptidões para a prática das Artes Marciais.

Mais tarde com os seguintes mais próximos: António Lima, Leopoldo Ferreira, José Araújo, José Manuel Custódio, Vilaça Pinto, Frade, António Pereira, A. Cunha, José Pacheco, Fernando Neto, Sá Reis, Nestor Pereira, João Bacelar, Luís Fernando, Nuno Russo, José Pascoalinho, todos do **berçário** da Academia de Budo e tantos outros a quem peço perdão pelas minhas falhas de memória.

Poucos nomes neste caso. Mas tenho o dever de lembrar e considerar que entre as dezenas de todos os outros meus contemporâneos do meu e dos outros Estilos e outras Artes, que esses tal como eu, terão as suas memórias e que todos em conjunto **fizeram e ainda estão a fazer** a história das Artes Marciais e do Desporto em Portugal.

Ressaltam-me alguns ensinamentos dos meus Mestres da UBU, como por exemplo:

- Budo engloba as vias superiores do ensino marcial. Pensar que atacar com as mãos nuas é Karate-Do ou que com a catana é Iai-Do, ou projectar, estrangular, imobilizar, luxar ou partir é Judo. Nenhuma destas artes em si só é a arte completa e superior.
- Deve-se atacar ou com as mãos nuas, ou com o pau, ou com a catana, etc., conforme pareça melhor. E desta forma concluir que Budo é o melhor meio de ver e agir em todos os aspectos da vida.

Considerar que em Budo a Organização deve ser flexível e elástica; ao elaborar um Estatuto, um Programa, um Regulamento de Graduação, urge prever o ordinário e o extraordinário; prever casos especiais; prever até o imprevisível (*tai no sen*); uma Organização rígida destrói a via marcial. Um Programa Técnico deve ser susceptível de mutação oportuna.

Na altura certa a UBU já discutia entre os seus pares o valor da competição à luz do Budo.

O combate de competição é útil como meio acessório (nós, no Dojo da Academia de Budo, praticávamos a competição de Judo e essa servia também para decidir os exames de graduação) do treino e oportunamente, como meio inclusivo mas não exclusivo de verificar o progresso na arte.

Pode-se comparar com um remédio que tomado em pequena quantidade faz bem, mas que tomado em grande quantidade envenena, mata.

O grande mal, quando em abuso da competição, é o afastamento da realidade marcial.

O combate de competição subordina-se a regras convencionais com muito menos liberdade de acção e porque em parte certos golpes são proibidos. Se um combate de competição termina com um vencedor e um vencido, nada garante que o resultado não teria sido o inverso se o combate fosse real.

Em circunstâncias reais tudo é diferente; manifestam-se faculdades inesperadas, morais diferentes, bondade, maldade, traição; temos um ambiente improvisado, a surpresa, o incerto; não se deve contar com nada. Mais ainda, em combate real não há escalões de pesos.

Considerando a competição como acessória do combate real, podemos afirmar que esse acessório é hoje primordial como antecipado preparador para um combate real. Hoje, mercê da ciência que estuda a motricidade, o desenvolvimento atlético, o comportamento psíquico, as capacidades dos atletas, as estratégias e tácticas, são agora fundamentais na preparação das crianças, cadetes e seniores, não só como ciência de ensino moral e cívico, como também, e se não se descurar o treino de todo o essencial da arte, um importante contributo em caso de guerra plena.

Por outro lado a competição desportiva abriu de uma forma clara a possibilidade de estas artes poderem hoje ser praticadas por crianças e cadetes com toda a segurança, enquanto lúdica, na intenção ilusória de um combate real.

Recordo naqueles tempos: a paciência, a perseverança e a capacidade de treinar uma técnica. O Mestre Pires Martins dizia que uma técnica só era entendida e automatizada pelo corpo depois de a repetir pelo menos 10 mil vezes. E nós tínhamos todos um cadernito de apontamentos onde anotávamos as quantidades de repetições. O Raul Cerveira provou isso ao ter sido Vice-Campeão Nacional Absoluto num Campeonato Nacional de Judo. Logo na primeira vez que fez um campeonato desportivo.

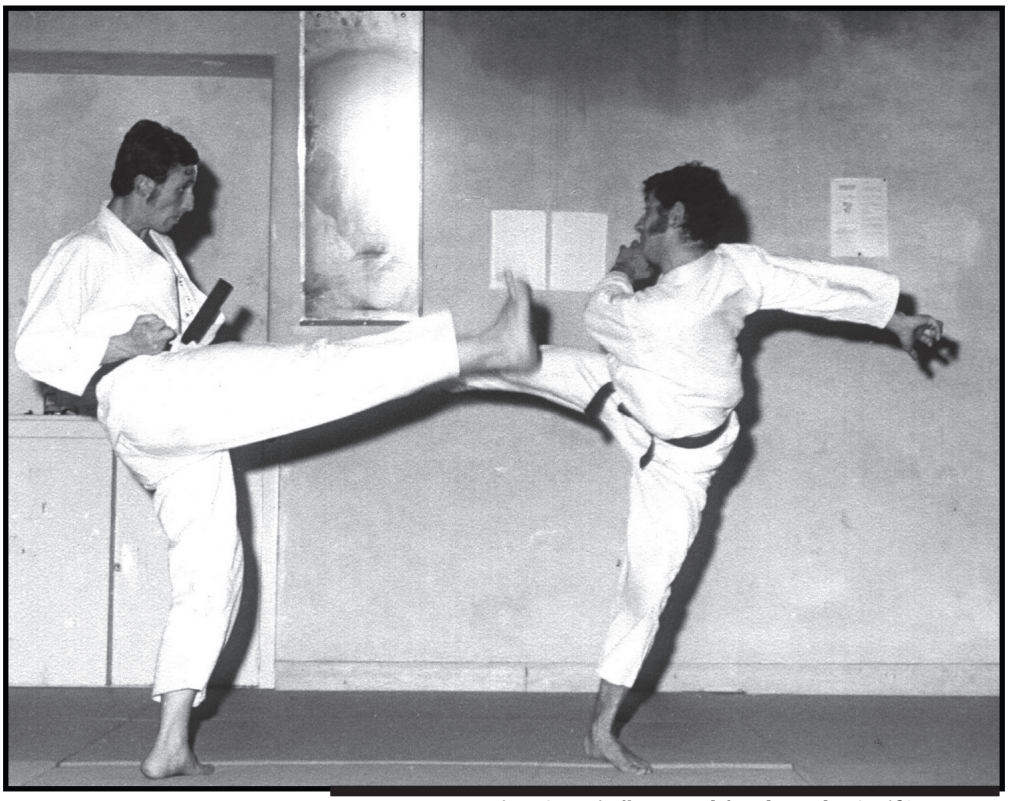
Fundamentalmente não posso deixar de recordar o meu saudoso e querido Mestre Tetsuji Murakami. É a ele que dirijo também todo o meu afecto e

reconhecimento. O seu carácter de Homem e de Budoka estão bem definidos nestas poucas palavras que pronunciou a quando de uma entrevista em França:

> *Na minha opinião ensinar as técnicas de karate não é o suficiente. É preciso amar os seus alunos. A severidade não serve de nada sem o amor. Sem o amor nada se realiza.*
>
> *A harmonia entre mim e os meus alunos é indispensável. Mas para que ela possa existir é preciso que seja uma harmonia interior entre o meu corpo e o meu espírito. Uma espécie de comunicação necessária entre mim e os meus alunos para que o ensino se possa efectuar. Quando eu encontro essa harmonia é para mim fácil de ensinar.*
>
> *Não se pode separar o corpo do espírito. Se não se controlar o espírito nunca se poderá jamais controlar o corpo. O corpo tem que estar natural e disponível e o espírito sempre pronto.*

Mais para a frente e no seguimento da entrevista o Mestre dizia:

> *Eu penso que, entre as artes marciais, não há o espírito do Kendo, o espírito do Aikido, o espírito do Iai-Do, o espírito do Karate, mas um só espírito, aquele do Budo.*



Francisco Gouveia (à esquerda) e Alexandre Gueifão

Também tínhamos os nossos tempos livres, em que a nossa fantasia levada à prática produzia, entre nós, hilariante boa disposição.

O António, de família de raiz vincadamente académica e inteligentíssimo que fritava a cabeça do Mestre Pires Martins com os seus propositados inquéritos ao funcionamento da Academia, o *Martin* (*Martan*). Era assim que nós o denominávamos, à socapa, entre nós. E porquê *Martan*? Porque o Mestre vinha de França (com o canudo de Karate) "passava-se", como se diz agora nestes tempos modernos, com o António.

Nota: Todos nós, quase todos, tínhamos algumas denominações especiais. Todas normalmente da autoria do Manuel Ceia.

Recordo um dia "*o nosso querido tio papanças*" (*papa panças*) com o seu ar imponente (e ainda hoje o tem, quando olha para nós com o seu penetrante olhar!).

Na altura "o nosso querido tio" era um conceituado Culturista (7º classificado num dos campeonatos do mundo de Culturismo). Os alunos dele entravam redondos e saíam fininhos ou de fininho, se não afinassem. Os treinos eram muito duros.

Todos os dias treinava na Academia de Budo e era junto do "*tatami*" que ele tinha aquela maquinaria toda com aqueles discos pesadíssimos que faziam um barulho desgraçado durante as aulas.

Continuando: estava ele a treinar com os "pesos" e todo entusiasmado e eu a dar uma aula. O barulho da ferragem já era muito, apesar dos cuidados do "*tio*" para o evitar; eu é que já via para além do barulho os meus alunos a olharem muito para aquela atlética figura, pois que o esquema da minha aula era mais a concentração. Estava o "*tio*" em pé, braços esticados por cima da cabeça e na ponta das mãos uma barra vergada com um montão de discos, uns e outros de cada lado. Tomei uma iniciativa e disse-lhe: "*querido tio*", está a perturbar muito a minha aula com essa barulheira do muda, pousa e levanta esses ferros. E o "*tio*" responde: ó "*Gueifas*", mas se tu queres eu largo; poupa-se tempo! Ao que eu respondi: então largue! E ele largou… Segundos depois, sobe as escadas que dão para o 1º andar, onde era o Dojo, uma figura, e em grande velocidade, toda encaliçada e a deitar os bofes pela boca, que gritou: mas o que é que se passa aqui?

Era o Mestre Pires Martins, cujo gabinete ficava justamente por debaixo do sítio onde tinham caído os pesos. Serenamente "o *nosso querido tio*", respondeu: Olha, eu tinha os pesos na barra por cima da cabeça e o Gueifão disse para eu os largar e eu larguei…

Para mim, estes momentos marcaram a minha vida até aos dias hoje.

Deveria tudo isto servir como ponto de referência aos mais jovens?

— Sim!...

São estes os princípios para que se entenda que no espírito de Budo, a honestidade, a perseverança, a lealdade, a amizade, têm de ser um só. Tudo são valores que jamais devemos descurar, pois estes mesmos valores formaram homens que são uma referência indiscutível para o crescimento dos mais jovens naquilo que possa ser hoje o desporto, as Artes Maciais, a vida de um ser Humano.

Finalmente, quero agradecer à Organização dos 40 anos do Shotokai em Portugal e à Federação Nacional Karate-Portugal porque me deram a oportunidade de participar neste grande evento com este simples texto.

Alexandre Gueifão

Bibliografia:

-Fascículos nºs 9 e10 de 1979
da Academia de Budo.
-Revista Karate nº 66 de
Setembro de 1980

O berço do Karate português

Vilaça Pinto

Há dias, numa acção de formação da FNK-P, encontrei um dos meus primeiros professores de Judo e de Karate – Alexandre Gueifão… Há anos que não tinha tamanha e agradável surpresa. Não o via desde 1969, sabia no entanto que continuava activo. Continua na mesma, igual a si próprio, despido de vaidades, apaixonado pelo Budo… Ainda dizem que as paixões são passageiras… Dependerá certamente do objecto da paixão!

Soube então da comemoração dos 40 anos do Shotokai em Portugal. É verdade, foi o ano em que saí da Academia de Budo para me dedicar ao *shotokan* altura em que a velha academia se iniciou no *shotokai* e um momento muito significativo para o Karate português.

Pela mão do Mestre Murakami a Academia de Budo e o *shotokai* passaram a ser uma referência para a modalidade em Portugal. Do Mestre Murakami, que nunca tive o prazer de cumprimentar, sei que era uma personalidade de grande rigor, seriedade e de rara qualidade técnica. Sei também que era possuidor de qualidades humanas extraordinárias.

Perguntarão – Mas se nunca o viu, como pode atestar dessas qualidades? Posso, de facto. Conheço e sou amigo de muitos discípulos de Murakami, alguns deles praticam hoje *shotokan*. Não obstante, recordam com saudade e gratidão o seu Mestre Murakami, sem nunca o perder como referência ou substituído por algum outro.

Um Mestre que marca a personalidade dos seus discípulos como o Mestre Murakami, só pode ser um homem extraordinário. Hoje lamento não o ter conhecido melhor!

Voltando ao berço do Karate português, lembro como se fosse hoje, a minha primeira entrada naquela casa (R. Visconde Seabra nº 18). Na porta, uma reluzente placa de latão lia-se — ACADEMIA DE BUDO.

Tinha na altura 20 anos de idade, acabado de regressar da Guiné, procurava algo para pôr no lugar da minha última e extinta paixão (os aviões). Morava então um pouco mais acima o que fazia daquele sítio um ponto de passagem. Cada vez que por lá passava, à noite, ouvia aqueles gritos de esforço vindos das janelas do 1º andar… Quem diria que ali iria encontrar o rumo da minha vida.

Um dia, enchi-me de coragem e entrei… Entrei, falei com a Dª. Celeste (se bem me lembro), fiz uma festinha à sua cadela… E fiquei! Decorria o ano de 1966.

Poderia alongar-me em considerações sobre várias pessoas as quais merecem todo o meu respeito, nomeadamente o Dr. Pires Martins, Mário Rebola, Alexandre Gueifão, Raul Cerveira, José Simões, Fragoso Fernandes e alguns mais, porém deixo essa tarefa para aqueles que permaneceram naquela casa até aos últimos dias. A esses cabe o direito de fazerem a história da Academia de Budo.

Certamente que aqueles que como eu viveram esse tempo sentem o contraste com o momento actual. A forma como o Budo era encarado fazia daquela academia um espaço único de dedicação e esforço.

Eu era, com 20 anos de idade, o mais novo de todos os praticantes daquele Dojo. Hoje, seria o mais velho!

É verdade que na vida nada é estático. Seria estranho se permanecêssemos no Karate de então… Mas podíamos ter mudado para melhor!

Relembro o meu querido professor Manuel Sérgio, numa aula sobre "O pensamento ético contemporâneo" em que referindo Anthony Giddens e o seu livro "As consequências da modernidade", o autor caracteriza o nosso tempo pela descontinuidade dos valores humanos e pelas abruptas mutações sociais.

De facto, constatamos hoje serem as mutações sofridas pelo Karate tantas e tão abruptas que são elas a primeira causa da descontinuidade e de impedimento de uma evolução consistente e inteligente.

Note-se que não acho mal a abertura da prática do Karate aos escalões etários mais jovens. O que eu acho mal é terem fechado a porta aos veteranos.

Deixei a pena (teclado) correr até aqui, para reforçar ainda mais a importância da Academia de Budo e todos os que lá nasceram, na divulgação do Karate de Gichin Funakoshi, nome aliás esquecido por muitos velhos e desconhecido dos mais novos.

Acerca deste tema muito haveria ainda para dizer e reflectir mas, porque este não é o sítio nem o momento apropriado, ficar-me-ei por aqui.

O vosso livro será certamente muito útil para todos os que o lerem. Ele será um registo de factos e depoimentos originais e simultaneamente um apelo ao despertar de muitas consciências.

Na impossibilidade de estar presente no vosso aniversário, desejo para a ASP e para o Shotokai de Portugal os melhores êxitos na divulgação do Karate-Do do qual sou descendente e fervoroso adepto-praticante.

Parabéns!

Vilaça Pinto

Génese do Karate em Portugal

Fragoso Fernandes

Nas breves considerações que se seguem começaremos por situar historicamente os primórdios da prática do Karate em Portugal.

A década de 60 do século transacto foi marcada pela estagnação que acompanhou a decadência do regime vigente. Mas sob a inércia manifesta da vida social e política encontra-se latente uma irreprimível efervescência. A repressão que nunca deixou de estar presente durante a vigência do Estado Novo aumentara gradualmente devido ao mau estar causado pela Guerra Colonial. Na geração que aguardava a mobilização instaurava-se uma surda resistência partilhada pelos jovens. A geração jovem buscaria, ao longo da década de 60, uma explicação do que se passava no mundo, tal como acontece sempre com as camadas jovens.

As Artes Marciais, embora não tendo uma implementação entre nós, iriam oferecer uma saída para esta situação. A geração mais jovem via nessa prática pouco mais do que um desporto que podia constituir uma alternativa aos desportos de combate, às várias espécies de luta e ao boxe, que de resto, exceptuando a luta Greco-romana, nunca haviam tido, em Portugal, uma expressão relevante.

A influência do Dr. João Luís Pires Martins que, ao tempo, geria os destinos da Academia de Budo, foi decisiva para a descoberta no nosso país do significado profundo da atitude mental indissociável da prática das Artes Marciais. Homem culto e conhecedor da problemática subjacente à filosofia Zen, familiarizado com o espírito do Bushido, o Dr. Pires Martins foi o verdadeiro impulsionador da prática do Karate em Portugal. Ele soube, desde o começo, apresentar ao público que começava lentamente a afluir às aulas da Academia de Budo, uma imagem muito correcta de tudo quanto o Karate pode oferecer. Pires Martins, apaixonado por essa articulação secular entre as artes marciais japonesas e os princípios filosóficos que as regem, pôs ao alcance dos praticantes o que

naquele binómio existe de mais significativo. Mais concretamente ao colocar toda a ênfase na vertente espiritual da prática destas artes marciais que é indissociável do autoconhecimento, Pires Martins forneceu aos jovens uma ferramenta essencial para a sua formação caracterial. Temos pois, na História da génese do Karate em Portugal, uma primeira fase que está intimamente relacionada com as circunstâncias em que a Academia de Budo promoveu a prática dessa Arte. Assim, toda uma geração reprimida e desmotivada, encontrou na prática do Karate uma forma de actividade mental e física incontestavelmente válida. Numa segunda fase, referiremos a irrupção no mercado cinematográfico das películas ligadas às Artes Marciais, cuja influência foi marcante entre os jovens. Bruce Lee foi o personagem carismático que protagonizou esse incremento de interesse pelas artes marciais orientais. Os efeitos nefastos dos filmes baseados no Karate e noutras artes japonesas e chinesas não se fizeram esperar. Os instrutores improvisados que começaram a surgir preocupavam-se quase exclusivamente com a transmissão das técnicas como meios eficazes de defesa e ataque descurando os aspectos mais válidos dos ensinamentos sem os quais as artes marciais ficam despojadas do seu verdadeiro sentido. Estava-se na década de 60 e anunciavam-se já no cenário social e político do País mudanças que se revelariam irreversíveis. Com a retirada de Salazar da cena politica o regime parecia à beira duma mutação. Efectivamente, Marcelo Caetano prometia abrir novos horizontes aos portugueses, e as suas indiscutíveis capacidades tornavam credível o futuro que se anunciava. Bloqueado nos seus planos por uma Direita confrangedoramente limitada, o marcelismo, incapaz de cortar as amarras com um passado obsoleto, acabou por se imobilizar num "Mar dos Sargaços" sociopolítico, naufragando finalmente no dia 25 de Abril de 1974. Com a Revolução dos Cravos, as Artes Marciais conheceram um período de incerteza e efervescência que veio a saldar-se positivamente. O número de praticantes cresceu exponencialmente, a prática do Karate como desporto entrou em franca expansão e as instituições que os representam impuseram-se pela seriedade com que defendem os ideais elevados inerentes ao exercício das Artes Marciais. É meu desejo que estas palavras sejam lidas como constituindo uma homenagem a todos aqueles que têm trabalhado nesse sentido.

Fragoso Fernandes

Tempos de Budo… Tempos de Saudade…

Miguel Pereira Coutinho Sanches de Baêna

Há cerca de seis anos, encontrei ocasionalmente um velho amigo que, há muito, lhe perdera o rasto. Caímos nos braços um do outro e, naturalmente, continuamos uma conversa interrompida seis anos antes. A meio da amena cavaqueira, quando abordávamos aspectos relacionados com o crime organizado, ouvi esta frase extraordinária:

— Para mim isso é-me indiferente. Não tenho medo. Andei no Karate: fui treinado para matar.

Aquela frase soou-me como uma martelada.

Fiquei siderado. Colado ao chão, incapaz de articular uma palavra. E naqueles breves segundos, o meu espírito recuou 44 anos ao tempo em que começou a minha aventura como praticante de Artes Marciais na Academia de Budo.

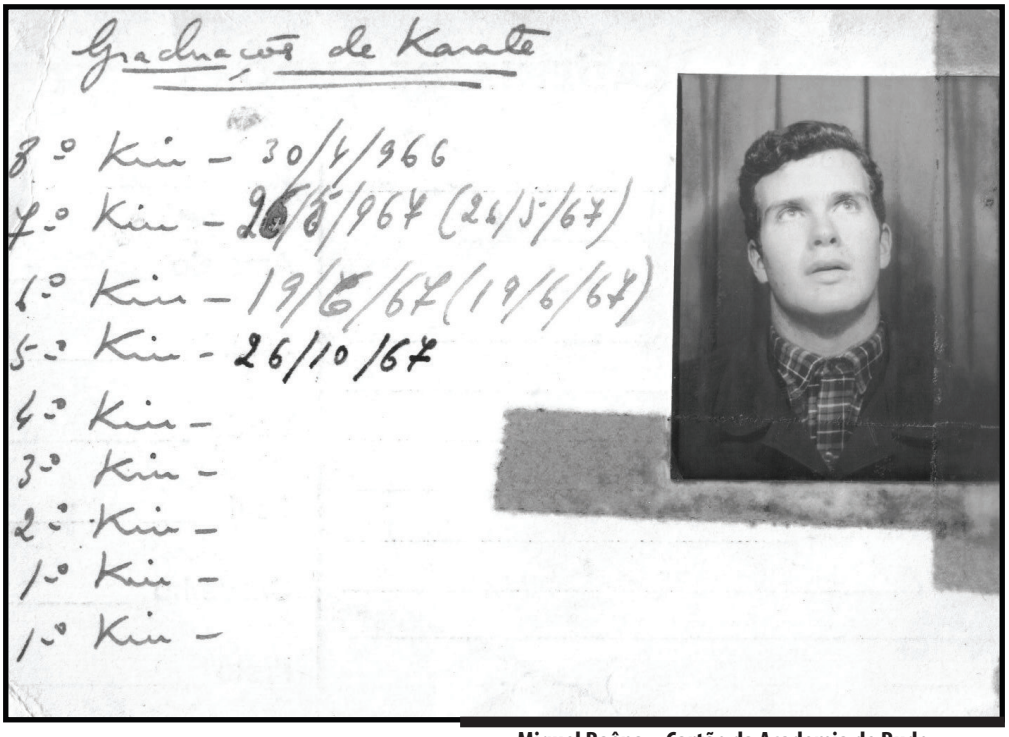
Miguel Baêna em 2009

Estávamos então em 1966. Portugal passava por uma das mais dramáticas crises da nossa história: a perca de Goa, Damão e Diu, o caso do Santa Maria, o início do terrorismo em África com o assalto às prisões de Luanda e ao genocídio do Congo e, na metrópole, o assalto ao quartel de Beja e a rebelião de Botelho Moniz.

Vivia-se então um clima de incerteza; questionava-se a legitimidade da política do Dr. Salazar e no geral todos olhavam para tudo interrogando-se sobre o caminho do futuro de Portugal.

Foi um período de intenso dramatismo, em que até mesmo os espíritos mais lúcidos se quedavam embaciados.

Este período vivi-o intensamente dia a dia, hora a hora. Embora estudante liceal, acompanhei com desusado interesse tudo o que se passava à minha volta, completado pelas muitas e valiosas informações que alguns membros do governo, da minha família, iam adicionando ao rol dos meus conhecimentos.


Graduações de Karate

8.º Kiu – 30/4/966
7.º Kiu – 26/5/967 (26/5/67)
6.º Kiu – 19/6/67 (19/6/67)
5.º Kiu – 26/10/67
4.º Kiu –
3.º Kiu –
2.º Kiu –
1.º Kiu –
1.º Kiu –

Miguel Baêna – Cartão da Academia de Budo

A esse tempo, namoriscava eu a filha do Mestre Kobayashi – a Mitshikou – que frequentava amiúde a casa e a companhia do chefe de gabinete do então Ministro de Estado, Gonçalo Correia de Oliveira.

Num dos muitos e agradáveis serões que desfrutámos em casa do nosso simpático anfitrião, Kobayashi na sequência de uma conversa que já não me recordo (já lá vão quase 50 anos) atalhou:

— Você devia começar a praticar artes marciais. É bom exercício e uma disciplina mental fundamental para a sua formação e para o seu futuro. Pense nisso!… Vá pelo *ju-jutsu* ou olhe para a Academia de Budo. Acredite que vale a pena.

Durante algum tempo, estas palavras bailaram no meu espírito. Ditas por quem foram, tinham necessariamente de ser escutadas. E foram.

E um belo dia, por conselho do meu bom amigo, Arq. José António Vitorino, desembarquei à porta da Academia Portuguesa de Budo lá para as bandas do Campo Grande para olhar e sentir o que realmente eram as artes marciais.

Naquela altura, ainda não havia filmes sobre o Karate que, só muitos anos mais tarde se celebrizaria com as produções de Bruce Lee. Era ainda uma "coisa" estranha enigmática, quase que secreta, pouco conhecida e, assim, olhada com desconfiança. Os seus praticantes eram considerados "gente perigosa" e por isso a PIDE exigia uma autorização especial para frequentar as aulas da Academia de Budo.

Apesar de tudo isto, num belo dia lá me dispus a entrar pela porta da Academia, onde logo fui simpaticamente recebido pelo Mestre Pires Martins e sua Mulher que, de imediato se prontificaram a prestar todas as informações requeridas.

A Academia tinha acabado de arrancar dois anos antes e, por isso tudo ali era "novo". Mas o espírito que desde logo senti estar presente seduziu-me incontrolavelmente. Recordo-me de uma fotografia de um *Mae-tobi-geri-kekomi* de Manuel Ceia a Gueifão logo à entrada do lado esquerdo, ao lado da porta da secretaria que emprestava àquele cenário uma imagem de força, mas ao mesmo tempo de uma vitalidade serena difícil de exprimir. E logo a seguir quando o Mestre Martins e sua Mulher tiveram a gentileza de me acompanhar ao primeiro andar, tive ocasião de presenciar um espectáculo que, por muitos anos que viva não me esquecerei. Rodeados de luzes e aparelhos de filmagem, o Gueifão e o Cerveira (se me não falha a memória), fizeram uma demonstração de técnicas de combate em que a arte e a beleza se entrecruzavam com uma eficácia de tal ordem que, por mais anos que viva jamais esquecerei aqueles momentos.

Pouco tempo depois lá estava eu ostentando orgulhosamente o meu "Kimono" aprendendo as técnicas básicas de "Aikido" com o Mestre Pires Martins e de Karate com o nosso Alexandre Gueifão.

Foram tempos inesquecíveis – e já lá vão tantos anos… Mas no meu espírito ficaram aquelas magníficas aulas e os nossos professores; o Alexandre Gueifão, o Manuel Ceia, o Raul Cerveira, o Mário Rebola e uma plêiade de companheiros, o Nicolau Breyner, o José António Vitorino, o Manuel Lamas, entre tantos que são já difíceis de descortinar.

Foi uma escola para a vida.

A Academia de Budo acabou. Muitos dos nossos professores e alunos já cá não estão para prestarem o seu testemunho. Mas ficou-nos um legado: o exemplo daquilo que verdadeiramente é e deve ser o Karate.

— a arte, a tolerância, a beleza, a disciplina e o equilíbrio mental.

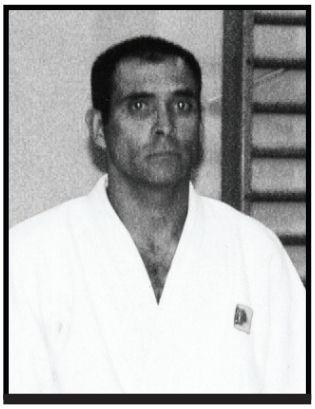
Hoje, já no entardecer da vida, olho para trás e tudo revejo com saudade. Valeu a pena!…

Miguel Pereira Coutinho Sanches de Baêna

Posfácio

Leopoldo Ferreira

No dia 24 de Novembro de 1971 cheguei a Lisboa, vindo de Angola, para frequentar o INEF (Instituto Nacional de Educação Física) a fim de obter o curso de Professor de Educação Física. No entanto, a minha maior vontade era saber onde ficava a Academia de Budo, para começar a praticar Artes Marciais o mais cedo possível.



Leopoldo Ferreira

Levado por uns amigos de um futuro primo meu, lá fui para os lados de Entrecampos, em frente à Feira Popular, na Rua Visconde de Seabra, onde ficava a Academia. Era uma tarde de sábado, dia 27 de Novembro de 1971. O primeiro ser vivo com que deparei foi a cadela "Lady", que verifiquei, após curta observação, tratar-se de um canídeo totalmente inofensivo, apesar de ser bastante feia e de se babar muito (era uma cadela "boxer"). Fui muito amavelmente recebido, quer pela "Lady", quer pela Senhora Dona Celeste Pires Martins, que me informou de todas as condições para frequentar a Academia de Budo. Uns tempos depois de começar a frequentar a Academia, no dia 30 de Dezembro, verifiquei a existência de um senhor de óculos e olhos em bico muito bem vestido, que alguém me disse ser o Director da Academia de Budo.

Como nunca tive grande tendência para me dar com gente importante, os meus contactos com o Dr. Pires Martins foram praticamente nulos até ao final de Junho de 1972. Nessa altura, o Dr. Pires Martins pediu-me para falar com ele, pois o instrutor de Aikido, Misao Honda, lhe tinha comunicado a sua intenção de se ir embora, perguntando-me se eu queria ficar a leccionar a arte Aikido. Esta proposta apanhou-me de surpresa, pois eu mal sabia Aikido para mim, quanto mais para ensinar. O Dr. Pires Martins frisou-me que, se eu não aceitasse, o Aikido acabava na Academia.

Comecei então um relacionamento diário e muito próximo com este Senhor, que tenho como um dos meus melhores amigos.

O Dr. Pires Martins, que foi quem ensinou pela primeira vez Karate-do em Portugal, na Academia de Budo, e a quem se deve também a introdução do Aikido no nosso país, era uma pessoa extremamente educada, amigo de seu amigo, mas, como ele costumava dizer, com o coração muito ao pé da boca. Portanto, não se abstinha de dizer sempre o que achava correcto, porém, sempre com a maior polidez.

Conhecedor profundo do Budo e dos seus princípios, sabia ouvir e sabia respeitar, e sempre se preocupou que os praticantes da Academia de Budo pudessem praticar o Budo como ele o descobriu.

Onde quer que estivesse, o Dr. Pires Martins era um gentleman, e é com imensas saudades que eu me lembro deste velho amigo e dos tempos inesquecíveis que passei na Academia de Budo.

O Dr. Pires Martins, em conjunto com o Mestre Corrêa Pereira, O Engenheiro Sebastião Durão, o Coronel Freire de Almeida, o Professor Vítor Pecante, merecem os aplausos e agradecimentos de todos aqueles que dedicam ao Budo o melhor de si próprios, que continuam a espalhar com humildade e empenho os seus princípios que pelos nossos antepassados nos foram transmitidos.

A estas pessoas devemos aquilo que fazemos hoje na prática diária do Budo.

Bem-haja, Dr. Pires Martins.

O Budo, sempre.

Leopoldo Ferreira